

RUTH FIRST, MINHA VIZINHA

Domingo 22/8/82

Ruth First era minha vizinha. Passava por mim todos os dias a caminho da Universidade. Simples, modesta, reservada, parecia uma mulher igual a todas as outras, repartida entre o seu trabalho e a casa. Não era. Porque para além de tudo isso era um símbolo de luta, uma voz de protesto que os «boers» jamais conseguiram calar. Por essa razão a mataram. Mas por cada lutador que tomba no campo de batalha, milhares de outros se levantam todos os dias no país do apartheid.

Ruth First, minha vizinha, era branca, culta, inteligente. Por nascimento, por educação, por cor, deveria pertencer à elite governante de seu país. Só que estava do lado de lá da barreira. Como investigadora e como jornalista, não poderia calar-se perante a opressão do povo sul-africano. No jornal «Guardian» foi eco e porta-voz da dor que via espalhada em seu redor. Lúcida e coerente, as suas denúncias foram transcrita pela imprensa de todo o mundo.

Como era previsível, o «Guardian» foi fechado em 1962. Banida do seu país, Ruth foi embora para melhor combater pelos princípios em que acreditava: os de liberdade e de justiça num mundo em que os homens não sejam medidos pela cor de sua pele.

Ruth First, minha vizinha,

tinha uma voz que era ouvida e respeitada em todos os foros internacionais. Por isso incomodava tanto o regime sul-africano. A sua presença era uma acusação constante. Havia que eliminá-la. E fizeram-no com a mesma fria crueldade com que entraram na Matola, ontem, com que assassinam todos aqueles que se lhe opõem, hoje, dentro e fora de suas fronteiras. Uma simples carta. Uma carta aparentemente inofensiva dirigida a Ruth. A morte era a sua mensagem.

Se a carta fosse aberta por uma secretária, por um empregado do correio, por uma criança, isso pouco pesaria na consciência dos criminosos. Tentariam de outro modo.

Mas foi Ruth First, minha vizinha, quem a recebeu. E o seu nome veio juntar-se à



Ruth First, em Maputo, numa fotografia recente e que deve ser também uma das últimas antes do atentado. (Foto de Moira Forjaz)

longa lista dos heróis tombados no campo da batalha do continente africano.

Mas os racistas enganaram-se.

A morte de Ruth First, minha vizinha, não conseguirá abafar a sua voz. Porque ela é a voz de todo um povo que se levanta para construir

um país diferente na pátria do apartheid.

E ninguém consegue silenciar um povo decidido a lutar.

Teresa Tinga